

**A dramática da leitura –
José Tolentino Mendonça**

**O estatuto do texto sagrado confirma-o
como geneticamente plural: ele junta o
elemento histórico com a intencionalidade
ampla e descontínua que
é necessário perscrutar.**

**O sujeito desta perscrutação é o leitor,
elemento requerido,
suposto e esperado pelo próprio texto.**

O ato da leitura é uma espécie de pacto selado entre ambos. Por um lado, o leitor (não um qualquer, mas aquele dotado de competência) ativa a mecânica textual, preenchendo os espaços vazios e indeterminados que vão depois permitir compreender o texto.

Existe uma história do texto que o leitor é chamado a explorar com o auxílio de instrumentos diversificados e complementares. Ele não pode ignorar a proveniência, a cultura, a linguagem, a composição ou a finalidade do texto.

**Sem esse levantamento
difícilmente se pode chegar à
compreensão.**

**Mas, por outro lado,
COMPREENDER É
COMPREENDER-SE.**

**O texto não é apenas uma janela:
é um inesperado e fundamental
espelho. Revisitando o texto,
potenciamos a entrada em nós
próprios, num processo de auto
decifração.**

Como explica Paul Ricoeur, “não se trata de impor ao texto a nossa capacidade finita de compreensão, mas de se expor ao texto e de receber dele um eu mais vasto”. (*Du texte à l’action. Essais d’herméneutique II*. Paris, Seuil, 1986, p.116-117).

**Isto solicita do leitor uma grande
competência em relação ao texto,
mas também na direção de si
próprio.**

**Ler estes textos separando-os da
sua situação cultural de origem
ou ocultando perante ele os
nossos desejos é uma
ingenuidade, quando não uma
perversão.**

Vês esta mulher?



**Quem é este que
perdoa os pecados dela e os meus?**